

# Ciência e ideologia no pensamento anarquista – Uma concepção de mundo para os pensadores revolucionários

Rodrigo da Silva Ferreira<sup>1</sup>

Rogério Humberto Zeferino Nascimento<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo apresenta a concepção do pensamento anarquista e ciência de como os diferentes autores desenvolveram características particulares em seu pensamento libertário. A análise concentra-se em três autores considerados os clássicos da literatura revolucionária: Proudhon, Bakunin e Malatesta.

**Palavras-chave:** Anarquismo, comunismo, ciência, sociedade, liberdade

## 1.Introdução

O pensamento libertário, no qual ganha proporções no século XIX, desenvolve de maneiras particulares em cada autor. Cada pensador desenvolve um modo único observações da sociedade, e se torna interessante estudar como cada um constrói uma linha de pensamento.

Sob a pressão que o desenvolvimento do capital e suas novas relações fazem surgir, uma classe se torna oprimida e perde suas características de tempos passados. A propriedade se torna privada e as necessidades de cada um desperta, em uma relação de exploração para o acúmulo de capital.

Em um novo momento histórico, novos conhecimentos vão surgindo, e velhas relações de alienação se tornam aparentes. A ciência torna-se um desses processos autoritários, exercendo sobre o indivíduo uma ação, que extrai de alguns a capacidade de fazer escolhas.

Para a sobrevivência do capital, todos os aparelhos de repressão tornam-se úteis e são utilizados de forma anárquica para suprimir uma classe com o objetivo de despertar e desenvolver possibilidades de sobrevivência. Assim a ideia de um

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Social, Universidade Federal de Campina Grande – PB, e-mail: rodrigo\_ferreira\_5@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientador, Professor, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFCG – PB, e-mail: rogeriohznascimento@yahoo.com.br

socialismo para um grupo, comunismo para outro, se torna forte em correntes de pensamento da época.

## **2. O método como intermediário para estudo da sociedade**

O ponto inicial dos autores do século XIX para serem considerados autores clássicos da literatura sociológica, e estudados para tornarem-se uma referência em fazer a análise da sociedade, restringe a um método sistemático de leitura da sociedade.

No pensamento das ciências sociais, tendo por base, os três principais autores, suas contribuições são utilizadas como posições ideológicas e metodológicas no mundo acadêmico, tendo em algumas bases uma compreensão dogmática dos pensadores.

O que caracterizam essa linha metodológica, ou o porquê Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber são considerados como os clássicos da sociologia? Carlos Eduardo Sell (2006, p.35) apresenta que - “[...] esses *autores deixaram para a sociologia três contribuições que se tornaram fundamentais para o desenvolvimento desta ciência que são: 1) uma teoria sociológica; 2) uma teoria moderna; e 3) uma teoria política*”. Uma linha determinada de pensamento os faz serem considerados clássicos e diversos outros autores do século XIX e XX, fossem apagados da história e pouco mencionados nos cursos de graduação da ciência social.

Os debates e diversos escritos da sociologia clássica, apresentam uma determinação no pensamento de autores a seguirem seu método de pesquisa, sendo a dialética histórica, ou com as regras do método, e por último, com a sociologia compreensiva. Os métodos elaborados orientam cada pesquisador a prosseguir utilizando dos métodos para analisar o objeto de estudo.

Não é intenção aqui, destruir/desmoralizar uma construção do pensamento que os autores criaram e dialogaram entre si, desde primórdios da filosofia até os tempos atuais. Mas colocar em ponto de debate se esses métodos são, de fato, necessários para fazer uma análise do meio social, em fatores sistemáticos, podendo observar cada grupo social e o modo de relacionamento entre si e a natureza do ser em sociedade. Tendo por objetivo a importância de apresentar análises dos autores revolucionários, no qual não desenvolveram em suas obras,

modos sistemáticos de pensamento, ou teorias que iriam sustentar a forma do desenvolvimento da leitura de sua realidade, seja por fatores sociais, fatores econômicos ou fatores políticos.

A elaboração de métodos de orientação para o cientista é o ponto divisor dos indivíduos produtores de ciência daqueles excluídos, produtores de uma filosofia de revolução. Portanto a compressão de suprimirem da história a elaboração do conhecimento revolucionário, é em detrimento de uma burguesia.

A epistemologia criada e apresentada por diversos autores é alimentada por alguma elaboração de um método linear de pensamento. Podemos observar em filósofos como Descartes, em "*as Meditações*",- a apresentação sistemática da criação do que chama de ciência moderna, a observação da razão e o método da dúvida para a construção de seu conhecimento, ou como a dialética de Hegel e a linearidade de sua tese, antítese e síntese.

Há uma crença nas ciências sociais, no qual há uma "cartela" de métodos para fazer análise de objetos do mundo social, e uma credibilidade acerca das regras impostas pela academia, o resultado obtido é aceito pelo meio científico. Há uma descrença pelos resultados obtidos por indivíduos não possuidores de uma mesma linha de pesquisa, ou o método não é aceito por pesquisadores, tem o resultado não aceito pelo meio acadêmico.

Incitar um debate entre a forma metodológica que os cientistas sociais apresentam em suas pesquisas e um ponto divergente no pensamento revolucionário, no qual não há uma metodologia explícita para análise, Paul Feyerabend desenvolve em sua obra *Contra o Método*, observações críticas para com a elaboração sistemática dos métodos apresentados ao indivíduo e como os métodos possuem limitações, Feyerabend diz o seguinte (1977, p. 43):

Meu objetivo não é o de substituir um conjunto de regras por outro conjunto do mesmo tipo: meu objetivo é, antes, o de convencer o leitor de que todas as metodologias, inclusive as mais óbvias, têm limitações.

As limitações apresentadas em cada metodologia fazem os cientistas limitarem-se a determinados fatos que possa lhe surgir durante a pesquisa, limitando seus valores, ou possuindo a crença cujo indivíduo tenha a capacidade de apagar todos os sentidos, para elaborar uma leitura do mundo externo. Paul Feyerabend

nos apresenta a necessidade de um referencial externo, como referência de análise do ser/ator social. (1977, p.43):

[...] não podemos descobrir o mundo a partir de dentro. Há necessidade de um padrão externo de crítica: precisamos de um conjunto de pressupostos alternativos ou – uma vez que esses pressupostos serão muito gerais, fazendo surgir, por assim dizer, todo um mundo alternativo [...]

Esta característica, o autor Paul Feyerabend apresenta, é onde os autores anarquistas permeiam. Possuem um desejo/sonho de um mundo social igualitário e lutam contra o sistema repressor apresentado após o surgimento da exploração do homem pelo homem.

### **2.1. Leituras anarquistas: as divergências e similitudes do pensamento**

Os autores anarquistas, não possuem uma única linha de pensamento. Divergem, tendo entre eles: modo de reprodução da sociedade, concepções da forma do indivíduos têm com a natureza, e dentre algumas formas pela qual os autores se cruzam, está presente pela não aceitação de um estado repressor.

As diversas correntes anarquistas desenvolvem modos de análise, e concepções da sociedade; para alguns idealizados e outros uma classe revolucionária como o modo de chegar à anarquia. Malatesta é característico pela forma do qual acredita na luta do coletivo construtor de uma nova sociedade. Presente no século XX, o seu pensamento desenvolve uma determinada semelhança com o pensamento bakuninista, uma leitura totalitarista dos acontecimentos movidos pela ação revolucionária, sem observar a causalidade nos atos dos homens podem gerar, divergindo das concepções idealistas de Proudhon.

Apresentar o modo como os anarquistas analisam a sociedade, buscando uma similitude dos pensamentos, podem gerar erros, pelas correntes do pensamento dos autores; tendo como exemplos a corrente de alguns autores: a mutualista de Pierre Proudhon, ou a coletivista de Mikhael Bakunin, ou comunista de Kropotkin, ou a individualista, na concepção de Flávio Luizzetto, representada por Max Stirner. Portanto, seguir e não cometer as falhas de procurar as semelhanças no pensamento anarquistas caminharemos fazendo análise sobre uma obra de alguns autores.

Iniciaremos por Deus e o Estado de Bakunin, em seguida, um excerto da obra Escritos Revolucionários – Programa anarquista - de Errico Malatesta e por ultimo, a obra organizada por Daniel Guérin, sobre Proudhon.

### **3. Deus e o estado – Bakunin – O autoritarismo das ciências**

Meados do século XIX, os autores anarquistas produziam em longa escala, mesmo observando Bakunin, em grande número de obras não apresenta conclusão. Escrevendo alguns títulos de forma simultânea, o autor observa em diversos pontos do meio social, formas de alienação, supressão da vontade do meio externo exerce sobre o indivíduo.

Em Deus e o Estado, Bakunin apresenta um debate entre os materialistas e idealistas, e a forma repressora do estado. Entretanto aqui nos restringiremos da forma pela qual o autor concebe sua análise da sociedade e sua compreensão sobre a ciência moderna.

Em sua produção revolucionária, o autor não apresenta, como outros autores anarquistas, uma forma sistemática de produção, no qual em um título apresentaria seus métodos de análise. Entretanto na obra de análise, apresenta uma concepção materialista (1988, p.9) – “[...] *os fatos têm primazia sobre as idéias.*” – tendo uma leitura histórica sobre os fatos que ocorrem nos meios sociais. Apresentando uma influência metodologia hegeliana, tendo sua: tese, antítese e síntese, o autor elabora seu meio de conceber o homem como agente mutante de sua época, apresentando (ibidem, p. 7):

Três elementos ou três princípios fundamentais constituem, na história, as condições essenciais de todo desenvolvimento humano, coletivo ou individual: 1º) a animalidade humana; 2º) o pensamento e 3º) a revolta.

A visão materialista da sociedade não é difundida em todos os anarquistas, o modo pela qual os pensadores criticam a sociedade, mas na citação acima, Bakunin apresenta a característica presente em grande gama de autores, condições de essência do desenvolvimento humano, no qual recebe uma singularidade de cada autor. Nesta etapa, o autor traz o conceito da emancipação do homem da sociedade, o modo dele tornar-se livre, e isso se torna a partir do pensamento, a consequência do conhecimento transformará em revolta..

Utilizarei do termo progresso, para uma classe revolucionária, que se encontra em detrimento da negação a uma realidade. O ato de o indivíduo negar algo naturalizado pelo meio social, cria as concepções do pensamento, em criticar o como e porque das situações e aceitações impostas. A saída do meio comum do homem, ou da animalidade humana, ou o estágio mais natural do indivíduo em um grupo, é a negação à realidade.

Nesta obra de análise, Bakunin apresenta a concepção da religião, como um dos meios que faz com que o homem fique em um “estágio” da animalidade humana, e coloca em contra ponto sua concepção de ciência. Na observação dos metafísicos e idealistas, o autor apresenta (ibidem, 1988, p.25):

A despeito dos metafísicos e dos idealistas religiosos, filósofos, políticos, ou poetas, a idéia de Deus implica a abdicação da razão e da justiça humanas; ela é a negação mais decisiva da liberdade humana e resulta necessariamente na escravidão dos homens, tanto na teoria quanto na prática.

A religião como ideologia faz os indivíduos seguirem determinada doutrina para a aceitação e naturalização do modo como vivem, impedem-no de libertar-se das ideias religiosas. O autor apresenta a forma de como a ciência, ou o pensamento das questões que surgem no meio social o fazem com que os indivíduos possuam uma capacidade de leitura do meio em que vivem, para assim procurar meios coletivos de sobreviverem. A ciência apresenta-se como uma capacidade dos indivíduos tornarem-se livre a partir das escolhas nascentes a partir de suas necessidades materiais, Bakunin apresenta sua idéia de ciência (ibidem, 1988, p.36):

Entendo por ciência absoluta a ciência realmente universal, que reproduziria idealmente, em toda a sua extensão e em todos os seus detalhes infinitos, o universo, o sistema ou a coordenação de todas as leis naturais, manifestas pelo desenvolvimento incessante dos mundos.

Para Bakunin, a ciência elaborada pelo homem é limitada a chegar a novas perguntas, sem respostas definidas, onde não terá uma plena realização de todos os questionamentos, (ibidem, 1988, p.37) – “*Nosso Cristo permanecerá eternamente inacabado*”.

A ciência, para o autor, emprega um caráter autoritário sobre o indivíduo, um meio no qual não se seguiria uma plena liberdade individual. A ciência seria um meio

pleno, onde o homem, trilha, inconsciente os passos, pelos cientistas os quais foram moldados, (ibidem, 1988, p.31):

A liberdade do homem consiste unicamente nisso: ele obedece às leis naturais por ele próprio as reconheceu como tais, não porque elas foram impostas exteriormente, por uma vontade estranha, divina ou humana, coletiva ou individual, qualquer.

Para o homem, o ponto do pensamento, sendo como segundo ponto histórico pela qual o homem altera o percurso da sociedade, faz a partir do conhecimento trilhado pela ciência, mas a compressão da ciência a uma sociedade se torna um dogma. Assim como a religião, apresentando uma coerção no qual os atos dos indivíduos tornam-se moldados. Bakunin apresenta (idem, 1988, p.31) uma hipótese, de que se as leis fossem regidas por *“ilustres da ciência[...] será uma monstruosidade, por duas razões: a primeira, é que a ciência humana é sempre necessariamente imperfeita[...] e a segunda [...] está legislação, emanando da academia, se imporia em nome de uma ciência que ela veneraria sem compreendê-la, tal sociedade não seria uma sociedade de homens, mais de brutos.”*

Para Bakunin, a ciência (idem, 1988, p.61):

A ciência só pode compreender e denominar os fatos reais em seu sentido geral, em suas relações, em suas leis [...] A ciência compreende o pensamento da realidade, não a realidade em si mesma; o pensamento da vida, não a vida.

A ciência é observada como meio autoritário que receberia do meio social. Para fazer análise da dicotomia, que os fatores sociais econômicos pós-revolução fez surgir, Mikhail, apresenta nesta obra, Deus e o Estado, os fatores determinantes a analisar e criticar, os pontos divergentes de sua concepção de uma sociedade igualitária, apresentando, neste texto um dos meios alienadores da sociedade.

#### **.4. Escritos Revolucionários – Errico Malatesta – “Uma concepção revolucionária da sociedade entre séculos XIX e XX”**

Errico Malatesta nesta obra faz jus à 11ª tese sobre Feuerbach, elaborada por Karl Marx em 1845, que diz (2009, p.126):

Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é transformá-lo.

Escritos revolucionários, apresenta uma seqüência de textos, percorridos por Malatesta pelo final do século XIX e início do século XX, e tem como característica exibir o descontentamento que circula a Itália.

O autor, não diferente de outros autores anarquista, não apresenta de forma sistemática o modo de elaboração de sua análise da sociedade. Em seu escrito "*Programa Anarquista*", é possível observar o modo que os revolucionários batalham, e a forma de Malatesta conceber o meio, pelo qual chamarei de "*dialética*", a sociedade, no qual há uma classe trabalhadora, e uma classe "*especial (o governo)*", vejamos (2000, p.8-9):

[...] chegou o estado atual da sociedade, em que alguns homens detêm hereditariamente a terra e todas as riquezas sociais, enquanto a grande massa, privada de tudo, é frustrada e oprimida por um punhado de proprietários.

E continua (ibidem, p.9):

[...] Daí a constituição de uma classe especial (o governo) que provida dos meios materiais de repressão, tem por missão legalizar e defender os proprietários contra as reivindicações do proletariado.

A repressão sobre uma classe menos favorecida, é observada por Malatesta por uma concepção materialista do homem. Através da revolução pode gerar um florescer de uma nova sociedade. Esta concepção do homem, através de seus atos tem a capacidade de transformar a sociedade, o autor apresenta ao construir a emancipação do homem é em busca pela liberdade; - "*ao povo que quer se emancipar, só resta uma saída: opor violência à violência*" (ibidem, p13) -. Esta busca pela liberdade do homem concentra-se na repressão da classe exercite sobre o trabalhador, tanto pela força do estado, quanto pelos fatores que fizeram com o homem não tivesse acesso ao conhecimento, em consequência a sua emancipação.

O ato do homem de transformar a sociedade e esta mudança terem um caráter de uma dimensão social trata-se do homem com agente de transformação da sociedade a partir de suas ações individual. Apresentando sua concepção materialista, Errico apresenta (ibidem p.14):

Entre o homem e a ambiência social há uma ação recíproca. Os homens fazem a sociedade tal como é, e a sociedade faz os homens tais como são, resultando disso um tipo de círculo vicioso: para transformar a sociedade é

preciso transformar os homens, e para transformar os homens é preciso transformar a sociedade.

Observando o modo de elaboração do texto de Malatesta, o decorrer apresenta uma forma ativa de luta, decorrente dos fatores históricos que está a ocorrer. Este Programa, escrito em 1920, após a revolução mexicana de 1910, tem um caráter de mover uma classe a se emancipar e buscar sua sobrevivência de uma forma coletiva dos meios de produção. A forma de análise da sociedade, utilizando-se dos materiais elaborados anteriormente ao seu período de lutas, o autor elabora uma linha de pensamento estritamente, como análise do meio vigente, para ser elaborada a propaganda de luta contra o estado repressor do sistema capitalista.

## **5. Proudhon – o controle do indivíduo com uso dos aparelhos repressivos**

Para apresentar a concepção da sociedade para Proudhon, seria interessante observar as obras máximas do autor, tais como *A filosofia da miséria* e *O que é propriedade?*. Entretanto, a organização elaborada por Daniel Guérin, apresenta a vida política do pensador, considerada por alguns como o pai do anarquismo, que nos apresenta a luta do pensador para atingir com seus ideais o epicentro da forma de governo dos homens.

O debate com o autor, de sua concepção, e diálogos com Karl Marx, fica na sua concentração idealista da sociedade, divergente do materialismo dialético. O modo de sua análise, presente na obra de Guérin, não apresentada de forma sistemática e aparente sua metodologia de análise da sociedade. Semelhante a outras concepções de outros anarquistas, elaborando a oposição de classe, sendo proletário e burguês, mostra-se aparente no pensamento proudhoniano, sua dialética serial, colocando dois oposto e contradições da sociedade, fica aparente no texto *“Do princípio de Autoridade”* – extraído de *“ Idée de la Révolution ao XIX ème Siècle, 1851”*, o autor nos apresenta (1983, p.60):

A concepção primitiva da ordem pelo governo pertence a todos os povos: e se, desde a origem, os esforços que fora feitos para organizar, limitar, modificar a ação do poder pertence a todos os povos [...]

A forma de governo e suas características comunitárias, que possuíam nas sociedades primitivas, assumiram novas formas de dominação do homem, de acordo com os fatores históricos que surgiram. Para Proudhon, os atos dos homens não atingem diretamente os fatores históricos, mas sim as ideais.

Para a construção do pensamento de Pierre, a observação dos fatos correntes na sociedade compartilha das leituras elaboradas pelo autor, a criação do pensamento revolucionário para o progresso de um modelo do anarquismo mutualista, concentra-se na crítica dos aparelhos coercitivos e ideológicos criados pelo sistema, Guérin apresenta (ibidem, 1988, p.71):

(...) Não há duas espécies de governo, assim como não há duas espécies de religião. O governo é de direito divino ou não é; assim como a religião é do céu ou não é nada. Governo democrático e religião natural são duas contradições, a menos que se prefira ver aí duas mistificações. O povo não tem mais voz consultiva no Estado do que na Igreja: seu papel é obedecer e acreditar.

A naturalização dos aparelhos de repressão e de alienação são impostos no indivíduo fazendo o agir de determinada maneira, e o impedindo de meditar e negar aquilo que lhe é imposto, e a construção do pensamento de Proudhon, como de diversos outros pensadores anarquistas, concentra-se na propaganda para servir de referencial de luta para os homens da sociedade.

## **6. Conclusão**

Fazer análise do pensamento anarquista se torna um desafio pela não sistematização do pensamento. Entretanto observar a elaboração da filosofia revolucionária no período de grande produção de conhecimentos, os autores anarquistas desenvolvem os ideais revolucionários, e participam ativamente das lutas.

As relações que não devem ser feitas entre um e outro pensador, se caracterizam no ponto, de não contrariar e utilizar de um argumento de outro autor para sustentar a análise de algum pensador, mas elaborar uma base independente de cada um.

Em detrimento do limite de páginas, atribui uma análise simplificada dos autores, e a objetivação de apresentar mais de um autor anarquista, são para observar como em uma linha ideológica de pensamento, as ideias que estão entre eles, divergem e cada um desenvolve suas particularidades na filosofia libertária.

Diferente do pensamento marxiano, os revolucionários tornam-se independentes para analisar a sociedade de formas também individuais, no qual cada um chega a conclusões diversas, e com os debates, a concentração de luta se unifique.

A análise dos três autores nos apresenta uma concepção única para cada um, em dois momentos, as passagens se concentram no século XIX, no qual o debate de ideais são mais aparentes, e posteriores, no século XX, as ideias de lutar por uma sociedade igualitária vem a tona. Pode começar com o movimento Zapatista e Ricardo Flores Mágon, no México, no qual possuem ideais anarquistas e a influência do movimento representa para o mundo, com exemplo no Brasil, Primitivo Soares.

Os anarquistas, apagados da história, merecem atenção, assim como diversos outros autores, entretanto o pensamento libertário não deveria ficar confinado a debates apenas acadêmicos, mas o espírito de luta deve se ascender na sociedade.

## 7. Referências

FEYERABEND, Paul. **“Contra o método”**. 1º edição. São Paulo. Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1977. 491 p.

MALATESTA, Errico. **“Escritos Revolucionários”**. 1º edição. São Paulo. Editora Imaginários. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. 2000. 92 p.

GUÉRIN, Daniel. **“Proudhon”**. 1º edição. Rio Grande do Sul. L&PM Editores Ltda. Tradução: Suely Bastos. 1980. 116 p.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **“A ideologia alemã”**. 1º edição. São Paulo. Editora Expressão Popular. Tradução: Álvaro Pina. 2009. 126 p.

LUIZZETTO, Flávio. **“Utopias Anarquistas”**. São Paulo. Editora Brasiliense. 1987. 95 p.

BAKUNIN, Mikhail. **“Deus e o Estado”**. São Paulo. Cortez Editora. 1988. 97 p.

SELL, Carlos Eduardo. **“Sociologia Clássica”**. 4º edição. Santa Catarina. 2006. 255 p.